

ECONOMIA - BRASIL

Pouco capital produtivo para muito capital volátil

Queda na entrada de investimento direto em 2003 é recorde, assim como aumento na captação de recurso de curto prazo

Aguinaldo Novo, Luciana Rodrigues e Vivian Oswald

• SÃO PAULO, RIO e BRASÍLIA. A euforia do mercado com o aumento das captações de dólares no exterior começa a dar lugar ao receio de que esse fluxo, que trouxe alívio imediato ao câmbio, possa se transformar em novo foco de crise. Em primeiro lugar, o capital produtivo continua arredio ao país. A Sobeet (entidade que reúne empresas transnacionais) calcula que o ingresso de investimentos diretos até junho tenha sido apenas de US\$ 4,27 bilhões — o pior semestre dos últimos oito anos. Enquanto isso, pesquisa da Global Invest mostra que, nos seis meses de 2003, as captações financeiras das empresas chegaram a US\$ 11,79 bilhões, o maior volume desde 1997.

Debate sobre controle do fluxo de capital ganha força

O problema é que esse capital, predominantemente de curto prazo (o chamado *hot money*), derrubou as cotações do dólar e pode comprometer as vendas externas do país. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do Ministério do Planejamento, afirmou em relatório recente que a valorização do real já afeta as exportações. E, segundo economistas, o saldo positivo da balança é uma espécie de blindagem anticrise para o país.

— Não se brinca com câmbio — adverte Antônio Corrêa de

Editoria de Arte

O dinheiro estrangeiro no Brasil



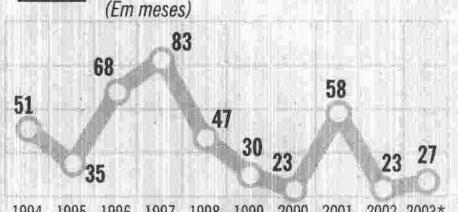
CAPTAÇÕES BATEM RECORDE



FONTE: Global Invest *Até semana passada



PRAZO DOS EMPRÉSTIMOS DIMINUI



FONTE: BC *Previsão do Banco Central e da Sobeet



INVESTIMENTOS DIRETOS DESPENCAM



FONTE: BC *Previsão do Banco Central e da Sobeet

O que é controle de capitais

São medidas impostas pelo governo para dificultar o ingresso de recursos de curto prazo. Os instrumentos mais usados são a taxação de aplicações de curto prazo e a quarentena (quando se exige um período mínimo de permanência dos recursos no país). Já o controle de saída de capitais é uma estratégia mais radical.



Argentina:

No mês passado, o país decidiu taxar os recursos que ficarem na Argentina por um prazo menor do que seis meses.



Chile:

Entre 1991 e 1998, o país exigia que o investidor informasse por quanto tempo os recursos permanecessem no país e depositasse uma parcela desse dinheiro no Banco Central. Se o capital saísse do país antes de um determinado prazo, a quantia depositada no BC não era devolvida.



Malásia:

Em 1998, para estancar a fuga de capitais desencadeada pela crise asiática, a Malásia centralizou o câmbio, ou seja, impediu a saída de recursos do país. A regra exigia a permanência do capital por pelo menos seis meses.



China:

O país tem câmbio fixo, não conversível, e faz um rígido controle sobre a remessa de lucros e dividendos. Há restrições também para o ingresso de recursos no país.

Lacerda, presidente da Sobeet.

A esperada queda no saldo comercial do Brasil pode gerar dificuldade de financiamento externo, apesar da enxurrada de captações nos últimos meses. Na semana passada, o IBGE divulgou as contas financeiras do país e constatou que, no primeiro trimestre, a principal

fonte de recursos externos foram as exportações. Mas, o Ipea afirma que os primeiros sinais de desaceleração da balança foram sentidos em junho.

A preocupação com os efeitos nocivos das captações de curto prazo reacendeu a discussão sobre a necessidade de controle do fluxo de capitais

para o país. No mês passado, um grupo de 300 economistas e intelectuais divulgou um manifesto, com propostas de mudanças na política econômica, cujo tópico principal era o controle de capitais. Na semana passada, foi a vez do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social discutir o tema.

O economista Fernando Ferreira, diretor da Global Invest, acha que é legítimo o país controlar o ingresso de recursos, sinalizando que prefere o de longo prazo. Mas é radicalmente contra sistemas que controlam a saída de capitais. E afirma que, agora, a prioridade deve ser discutir o que fazer

quando o capital de curto prazo, que já entrou, resolver sair:

— Esse capital tem própria agenda. Quando os juros nos Estados Unidos voltarem a subir, acaba a farra dos emergentes. E aí o Brasil pode entrar numa profunda crise. É preciso garantir as exportações.

Para manter o câmbio favorável às exportações, os economistas sugerem que o Banco Central (BC) reduza juros mais rapidamente e diminua a renovação de títulos cambiais.

Para secretário, medidas de crescimento seriam a saída

O presidente da Sobeet se diz favorável em tese ao controle da entrada de novos capitais, a exemplo do que já fez o Chile e do que foi adotado agora pela Argentina. Mas ressalta que essa seria uma opção perigosa no momento, pois o Brasil ainda depende desse capital para fechar as contas externas. Para ele, o ideal seria a adoção de bandas não explícitas para o câmbio (entre R\$ 3 e R\$ 3,50).

O economista Carlos Langoni diz que os investimentos diretos estão em queda no mundo inteiro. E que, no Brasil, a perspectiva de crescimento baixo afasta ainda mais esse capital. Para o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Otaviano Canuto, voltar a crescer é a forma de amenizar efeitos dessa tendência:

— O que podemos fazer é ir contra a tendência, garantindo medidas de crescimento. ■